

O PARADIGMA EM QUESTÃO: ENCONTROS E DESENCONTROS DA BIBLIOTECONOMIA E DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO NO CONTEXTO DE UMA BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA

Luhilda Ribeiro Silveira
Bibliotecária
Mestranda do PPGGI - UDESC
luhilda@yahoo.com.br

Recebido em: 05/04/2016
Aceito em: 15/08/2016

Ana Paula Grillo Rodrigues
Professora colaboradora do PPGGI - UDESC
agrillorodrigues@gmail.com

Resumo

Análises acerca dos encontros e desencontros entre a Biblioteconomia e a Ciência da Informação circundam o espaço de discussão dessas áreas do conhecimento, e abrem possibilidades para se pensar sobre seus aspectos epistemológicos a partir da reflexão dos seus pontos paradigmáticos. Nesse sentido, buscamos neste trabalho traçar um paralelo entre os fundamentos que constituiriam os paradigmas da Biblioteconomia e da Ciência da Informação a partir das análises de seus aspectos históricos e metodológicos. Buscamos ainda perceber implicações práticas a partir de um estudo de caso que buscou identificar se as atividades desenvolvidas em uma determinada unidade de informação se alinham com os paradigmas da Biblioteconomia ou da Ciência da Informação. À guisa de conclusão, observamos que tanto nos aspectos teóricos quanto nos aspectos práticos desta análise encontramos frequentemente uma linha tênue para delimitar fronteiras e estabelecer limites precisos para uma ou outra área.

Palavras-chave: Paradigma. Biblioteconomia. Ciência da Informação. Biblioteca Universitária.

1 INTRODUÇÃO

O modo como a sociedade produz e utiliza a informação bem como a maneira como se comunica nesse contexto informacional reflete os avanços e as estruturas científicas e tecnológicas de uma dada época. Podemos crer que nesse cenário a Biblioteconomia, a Documentação, e mais recentemente a Ciência da Informação são áreas que participam desse processo sob diversos modos e diversas conjunturas históricas.

Assim, o fazer em uma unidade de informação pode refletir mais que o seu contexto de trabalho frente às demandas de

seu tempo e espaço, pode refletir uma estrutura que se relaciona com pressupostos abrangentes que constituem os princípios do fazer da área como um todo – são eles seus paradigmas.

Nessa perspectiva nos propusemos a abordar as questões paradigmáticas da Biblioteconomia e da Ciência da Informação considerando aspectos teóricos e práticos. Buscamos na literatura das áreas as bases para construção do trabalho no que tange aos aspectos teóricos e realizamos ainda pesquisa de campo para sustentar as análises que envolvem os aspectos práticos do fazer em uma unidade de informação.

O trabalho se estrutura inicialmente teorizando acerca da concepção de paradigma, enfocando a definição de Kuhn (2009) para dar norte às concepções de quais seriam os paradigmas da Biblioteconomia e da Ciência da Informação pautados nas concepções de autores como: Capurro (2003); Le Coadic (2004); Russo (2010) e Borko (1968). Tecemos ainda considerações acerca dos encontros e desencontros das duas áreas no que tange a esses pontos paradigmáticos pensando a partir da teoria e ainda da análise de como algumas instituições situam essas áreas. Na sequência apresentamos as análises que decorrem da pesquisa de campo que teve como plano de fundo uma biblioteca universitária, onde nos propusemos a analisar as atividades ali desenvolvidas para ponderarmos sobre quais seriam efetivamente os paradigmas que conduzem o trabalho nessa unidade de informação, a partir daí tecemos nossas considerações finais.

2 PARADIGMAS DA BIBLIOTECONOMIA E DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

As discussões acerca dos paradigmas que regem a Ciência da Informação e a Biblioteconomia encontram espaço num cenário onde tais áreas do conhecimento coexistem e por vezes nos parece esbarrar na busca por demarcações de espaços metodológicos e conceituais.

Mas antes que se possa pensar em diferenças e inter-relações entre as áreas e seus paradigmas, consideramos importante pensar sobre: o que efetivamente é um paradigma? O que ele representa para um campo do conhecimento? Estes nos parecem ser questionamentos pertinentes para que possamos tentar estabelecer semelhanças, diferenças ou aproximações entre a Ciência da Informação e a Biblioteconomia a partir do que seriam efetivamente seus paradigmas.

Segundo Kuhn, “[...] ‘paradigmas’ são as realizações científicas universalmente

reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência.” (KUHN, 2009, p.13).

Pensando na definição que é dada por Kuhn, seria então razoável transpor o conceito de paradigma para a Biblioteconomia e Ciência da Informação, uma vez que o que está sendo proposto seria o fazer de uma ciência? Considerando que aqui a concepção de “ciência” apresentada por ele se situa sobre a perspectiva das ciências da natureza, que estabelecem regras e padrões que ao longo dos tempos podem ser superados. Assim, Kuhn aponta que problemas e soluções modelares de uma ciência em uma dada época é o que caracterizaria fundamentalmente o que ele chama de “*Estrutura das Revoluções Científicas*”, pois “[...] a transição sucessiva de um paradigma a outro, por meio de uma revolução, é o padrão usual de desenvolvimento da ciência amadurecida” (KUHN, 2009, 32). Considerando tais colocações, simplesmente importar o conceito de Kuhn sem considerar as peculiaridades que circundam as ciências sociais, na qual se inserem a Biblioteconomia e a Ciência da Informação, seria no mínimo desprezar um ponto crucial sobre o qual se desenrola as ideias do autor.

Nesse sentido, partimos com nossas considerações vislumbrando os distanciamentos entre propriamente o campo científico que Kuhn (2009) se utilizou para traçar sua construção teórica acerca do que é um paradigma, mas também considerando que grande parte das suas considerações possam abarcar por extensão outras áreas do conhecimento, já que na definição de paradigma de Kuhn (2009), apresentada acima, estaria contida a ideia de que haveria dentro de uma ciência questões de cunho teórico-conceituais, metodológicas e instrumentais que seriam compartilhados.

Consideramos que tecendo análises sobre a Biblioteconomia e a Ciência da

Informação o que seria mais problemático não seria a utilização do termo paradigma, e sim pensar sobre a concepção de ciência. Sobre essa discussão, que coloca em pauta a Biblioteconomia e o seu status de ciência, Souza (1986, p. 191) considera que a Biblioteconomia pode ser considerada uma “quase ciência”, pois apesar de não possuir um corpo definido de teorias e leis (como é próprio das ciências exatas) ela possui princípios e teorias.

Embora a discussão acerca da concepção de ciência seja algo significativo para pensarmos como a Biblioteconomia se insere nesse contexto, isso não será aqui objeto de nossa discussão. O nosso foco recai sim sobre a perspectiva de se pensar paradigma numa concepção modelar de problemas e soluções que fundamentam determinada ciência ou campo, ou ainda área do conhecimento, conforme seja o entendimento de status para denominar a Biblioteconomia e a Ciência da Informação.

Partindo de tais pressupostos, podemos nos dispor a pensar sobre quais seriam esses fundamentos, ou modelos que norteiam, diferenciam e aproximam a Ciência da Informação da Biblioteconomia? E essa tarefa nos parece por vezes tão instigante quanto desafiadora, mas acima de tudo necessária, para que possamos pensar na efetiva existência ou necessidade de que haja efetivamente demarcações de territórios de atuação que eventualmente se interpõem entre as duas áreas.

2.1 Paradigmas da biblioteconomia

É indiscutível é que o conceito de Biblioteconomia é muito mais antigo que o de Ciência da Informação. “Um dos primeiros conceitos de Biblioteconomia é emitido pela ALA, definindo-a como uma área voltada para a aplicação prática de princípios e normas à criação, organização e administração de bibliotecas.” (RUSSO, 2010, p.47). Mas como bibliotecas existem há muito mais tempo, mesmo antes de se

estruturar em termos pragmáticos podemos nesse sentido pensar que desde as primeiras bibliotecas da humanidade já havia ali, de algum modo o embrião, do que se configurou mais tarde como Biblioteconomia, ainda que saibamos que o foco primordial constituía-se na preservação. É racional pensarmos que certamente havia ali uma estrutura, ainda que embrionária, de organização e administração da biblioteca que se impunha pela própria necessidade do seu funcionamento.

Partindo de um caráter embriológico para um status de existência institucional e que reconhece o caráter para além da preservação, incluindo a figura essencial no processo – o leitor/usuário, encontramos Ranganathan (2009), que em seu clássico livro “As cinco Leis da Biblioteconomia”, editado em 1931, apresentava a Biblioteconomia como detentora de uma função preponderantemente mediadora do conhecimento entre leitores e um livro. Encontramos ainda definições que enfocam a eficiência nesse processo, definindo a Biblioteconomia como “[...] a área que se destina ao estudo dos princípios racionais para realizar, com a maior eficácia e o menor esforço possível, os fins específicos das bibliotecas”. (BUONOCORE, 1963 apud RUSSO, 2010, p.47).

Seguindo ainda o percurso das definições, Le Coadic (2004) se refere à Biblioteconomia como uma disciplina, que segundo ele integra o campo da informação, assim como a museoeconomia e a Documentação. Suas referências à Biblioteconomia se situam para contextualizar o surgimento da Ciência da Informação e se estabelecem para a Biblioteconomia um paradigma conservador e pautado na preservação. Comparecem no seu discurso afirmações que caracterizam a Biblioteconomia: “[...] um interesse particularmente grande aos suportes e não à própria informação. [...] a Biblioteconomia não é nem uma ciência,

nem uma tecnologia rigorosa, mas uma prática de organização: arte de organizar bibliotecas.” (LE COADIC, 2004, p.12).

Assim a Biblioteconomia se delinea como uma área que partilha múltiplos aspectos de seus interesses com outras áreas do conhecimento. Um dos mais fortes, se não o mais contundente de todos é a informação. Para focar o caráter dinâmico da Biblioteconomia Souza (1986, p.191) afirma que “O objeto da Biblioteconomia é, portanto, a informação, que por sua vez é também o objeto de estudo de muitas outras ciências. Este é o caráter multidisciplinar da Biblioteconomia e que faz dela uma metaciência, uma supraciência”. O enfoque dinâmico que o contexto da informação nos aponta é ratificado quando observamos a multiplicidade de áreas do conhecimento que acabam por se situar numa zona que oscila entre a fronteira e a integração. A Biblioteconomia se insere nesse contexto, sobre múltiplas formas, há tempos. Mas como bem nos apontou Le Coadic (2004) e Souza (1986), muitas outras áreas partilham de interesses, técnicas e objetos muito próximos aos da Biblioteconomia. A Ciência da Informação é uma delas, como veremos no tópico a seguir.

2.2 A ciência da informação e a construção de seus paradigmas

A história da Ciência da Informação é relativamente recente, se comparada à da Biblioteconomia, existem, dentro do próprio campo, controvérsias quanto à sua gênese. Tanto em termos de cronologia, quanto de epistemologia.

Para Capurro (2003) a Ciência da Informação nasce em meados do século XX. Ele afirma que: “A Ciência da Informação tem, por assim dizer, duas raízes: uma é a Biblioteconomia clássica ou, em termos mais gerais, o estudo dos problemas relacionados com a transmissão de mensagens, sendo a outra a computação digital.” (CAPURRO, 2003, p.20).

Há nesse contexto a defesa de que o surgimento da Ciência da Informação se dá na década de 40, mais especificamente no pós-guerra 1945 propiciado pelo boom informacional.

Dentre os eventos históricos marcantes, o ímpeto de desenvolvimento e a própria origem da CI podem ser identificados com o artigo de VANNEVAR BUSH, respeitado cientista do MIT e chefe do esforço científico americano durante a Segunda Guerra Mundial (BUSH,1945). Nesse importante artigo, BUSH fez duas coisas: (1) definiu sucintamente um problema crítico que estava por muito tempo na cabeça das pessoas, e (2) propôs uma solução que seria um ajuste tecnológico, em consonância com o espírito do tempo, além de estrategicamente atrativa. (SARACEVIC, 1996, p.42).

A influência da Recuperação da Informação é percebida a partir da criação dos sistemas automatizados de recuperação de informações, que começaram a surgir em meio ao *boom* informacional presente após a Segunda Guerra Mundial. O interesse dos países mais desenvolvidos pelas atividades de ciência e tecnologia, que ocasionou um aumento considerável na geração e nas buscas de conhecimentos, dá origem ao fenômeno que foi denominado, por Vannevar Bubb, de explosão da informação.” (RUSSO, 2010, p. 49).

Há ainda os que defendem que o surgimento da Ciência da Informação se deu mais recentemente. Le Coadic (2004, p.2) afirma que “a Ciência da Informação nasceu da Biblioteconomia, tomando, assim, como objeto de estudo a informação fornecida pelas bibliotecas, fossem públicas, universitárias, especializadas ou centros de Documentação”. Ele chega a apontar uma data precisa para o seu surgimento “Sua origem é recente: 1968, data de nascimento da primeira grande sociedade científica nos EUA, a American Society for Information Science (ASIS)”. (LE COADIC, 2004, p.115).

Para além de uma demarcação histórica nos interessa aqui situar o bojo no qual se desenrolam as teorias e práticas da Ciência da Informação para que assim possamos pensar efetivamente sobre seus paradigmas. Um dos caminhos é pensar sobre seu objeto, Le Coadic (2004, p.25) coloca que: “[...] a Ciência da Informação tornou-se, portanto, uma ciência rigorosa que se apoia em uma tecnologia também rigorosa. Tem por objeto o estudo das propriedades gerais da informação (natureza, gênese, efeitos), e a análise de seus processos de construção, comunicação e uso”.

[...] é um campo dedicado às questões científicas e à prática profissional voltadas para os problemas da efetiva comunicação do conhecimento e de seus registros entre os seres humanos, no contexto social, institucional ou individual do uso e das necessidades de informação. No tratamento destas questões são consideradas de particular interesse as vantagens das modernas tecnologias informacionais. (SARACEVIC, 1996, p.47).

O foco da Ciência da Informação se situa na informação e nos caminhos que ela trilha em sua jornada de construção do conhecimento. Um outro aspecto que merece destaque quando tratamos de Ciência da Informação é a interdisciplinaridade que comparece como um aspecto marcante e que merece destaque.

A interdisciplinaridade traduz-se por uma colaboração entre diversas disciplinas, que leva a interações, isto é, uma certa reciprocidade nas trocas, de modo que haja, em suma, enriquecimento mútuo. [...] A Ciência da Informação é uma das novas interdisciplinas, um desses novos campos de conhecimentos onde colaboram entre si, principalmente: psicologia, linguística, sociologia, informática, matemática, lógica,

estatística, eletrônica, economia, direito, filosofia, política e telecomunicações. (LE COADIC, 2004, p.20).

Além da interdisciplinaridade, o foco na tecnologia da informação é outro aspecto vigente na Ciência da Informação,

O imperativo tecnológico determina a CI, como ocorre também em outros campos. Em sentido amplo, o imperativo tecnológico está impondo a transformação da sociedade moderna em sociedade da informação, era da informação ou sociedade pós-industrial. Terceira, a CI é, juntamente com muitas outras disciplinas, uma participante ativa e deliberada na evolução da sociedade da informação. (SARACEVIC, 1996, p. 42).

Tais colocações nos apontam para o que seria um papel ativo dessa área na evolução da sociedade da informação, junto aos avanços tecnológicos, e isso integraria o rol dos aspectos paradigmáticos da Ciência da Informação.

2.3 PONTOS PARADIGMÁTICOS: ENCONTROS, DESENCONTROS E INTER-RELAÇÕES

Para apontar encontros e desencontros, no que tange ao delineamento dos paradigmas da Biblioteconomia e da Ciência da Informação é necessária a ponderação dos pontos de vistas e das colocações de alguns autores que ao longo do tempo se dedicaram ao estudo e à elaboração de trabalhos sobre essa temática.

Vários são os autores que nos apresentam, sobre diversos aspectos, o que seriam os problemas e as soluções modelares que constroem o que aqui nos arriscamos a chamar de paradigmas para as duas áreas em questão. No Quadro 1, abaixo, apresentamos um apanhado geral do que apontam alguns dos autores que utilizamos neste trabalho.

Quadro 1: Paradigmas da Biblioteconomia e da Ciência da Informação

Biblioteconomia	Autor	Ciência da Informação	Autor
Foco: a Biblioteca	Russo (2010)	Foco: a informação	Borko (1968); Capurro (2003)
Foco no documento	Russo (2010) Capurro (2003)	Foco no conteúdo	Russo (2010)
Possibilita o uso de sua coleção de documentos a um dado público	Russo (2010)	Orientação para o usuário e sua necessidade de informação	Russo (2010) Le Coadic (2004)
Ênfase prática: atividades de aquisição, organização, tratamento e disseminação desses documentos	Russo (2010)	Ênfase teórica: produção do conhecimento científico até sua representação, organização e distribuição pelos canais formais de comunicação científica	Russo (2003)
Foco no processo: formação, desenvolvimento, classificação, catalogação e conservação	Le Coadic (2004) Russo (2010)	Trabalho coletivo: gestão coletiva e compartilhamento de conhecimento	Le Coadic (2004)
Gerenciamento de estoque	Russo (2010)	Gerenciamento de fluxo da informação	Borko (1968)
Preocupação com representação da informação	Russo (2010)	Preocupação com a usabilidade da informação	Russo (2010)

Fonte: Produzido pelos autores a partir de: Capurro (2003); Le Coadic (2004); Russo (2010); Borko (1968).

As perspectivas paradigmáticas esboçadas no quadro acima nos evidenciam um olhar um tanto conservador para a Biblioteconomia, isso talvez se deva ao fato de que o foco dos autores se situa sobre a Ciência da Informação. Assim, o discurso que eles se utilizam para demarcar o espaço da Ciência da Informação passa, por vezes, pelo olhar mais restritivo e conservador sobre outras áreas que partilham interesses em comum com ela. De certo modo, a Biblioteconomia é enfocada sob o ponto de vista das suas limitações para que a Ciência da Informação desponte no cenário das possibilidades.

Para além das disputas, por territórios do conhecimento ou demarcação de territórios e fronteiras, é fácil notar que existem mais pontos de proximidade “[...] Biblioteconomia e CI são dois campos diferentes, com forte relação

interdisciplinar e não um único campo, em que um consiste na manifestação especial do outro” (SARACEVIC, 1996, p. 49). Nessa perspectiva o mais produtivo pode ser buscar caminhos que apontem para a produtividade a partir de uma complementaridade, focando nas contribuições que cada uma das áreas pode dar a partir das suas investigações no campo do saber científico.

Pautada na premissa que o fazer científico se insere num processo ininterrupto de investigação, Targino (2006, p. 95) afirmar que:

[...] a Ciência da Informação (CI) emerge como decorrência natural do processo de evolução da Biblioteconomia e Documentação e configura-se como conjunto de conhecimentos relativos à origem, à coleta, à organização, ao

armazenamento, à recuperação, à interpretação, à transferência, à transformação e à utilização da informação, ou seja, refere-se a todo ciclo informacional.

A definição aqui apresentada por Targino nos parece apontar para dois aspectos de suma importância quando se colocam em pauta diferenças e inter-relações entre a Biblioteconomia e a Ciência da Informação, pois nela contém o aspecto de que a Ciência da Informação se ocupa de atividades que fazem parte do fazer biblioteconômico (a exemplo: coleta, organização, armazenamento, recuperação) e coloca o que seria uma diferença fundamental, o ir além – preocupação com todo o ciclo que compõe o fluxo da informação.

Encontramos ainda em Targino (2006) direcionamentos para construir um panorama de inter-relações da Ciência da Informação não apenas com a Biblioteconomia, mas também com a Documentação e como a primeira se situa em termos de um fazer teórico:

À Biblioteconomia compete a organização e administração das bibliotecas na sua diversidade, além da seleção, aquisição, organização e disseminação de publicações primárias sobre diferentes suportes físicos. A Documentação limita-se à indexação, ao resumo, à tradução e à reprodução dessas publicações, como a elaboração de obras secundárias e terciárias, recorrendo ao processamento de dados, à reprografia e às microformas para o tratamento da informação. A partir daí, concluímos que a CI produz literatura resultante de investigações em caráter teórico, enquanto a Biblioteconomia e a Documentação aplicam os resultados daí advindos. (TARGINO, 2006, p.97).

Embora na citação acima pareça haver uma aceitação de que a Biblioteconomia e Documentação seriam apenas aplicações da Ciência da Informação, a autora segue sua afirmativa refutando essa noção

quando afirma: “[...] a dicotomia teoria x prática perde o sentido, quando o dia-a-dia mostra que estas não estão jamais dissociadas, mas imbricadas, dentro da assertiva popular de que ‘*não existe nada mais prático do que uma sólida teoria*’”. (TARGINO, 2006, p.97, grifo do autor). Isso ratificaria a nossa ideia de inter-relações que se estabelecem entre as duas áreas devido à interdisciplinaridade que ambas partilham e à tenuidade que cercam seus limites.

Um interessante ponto de partida para se refletir mais sobre as relações entre essas áreas, ao menos em termos de Brasil, é analisar como se estruturam a Pós-Graduação *strictu sensu* no nosso país e ainda como se estrutura a própria organização do conhecimento em termos de sistematização de áreas feitas a exemplo pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Pensar em organização e classificação do conhecimento é tentar estruturar ou hierarquizar o saber e a produção do conhecimento, é sistematizar as informações sobre o conhecimento. Um bom exemplo disso é a Tabela de Áreas do Conhecimento do Ensino Superior:

A Tabela de Áreas do Conhecimento tem finalidade eminentemente prática, objetivando proporcionar aos órgãos que atuam em ciência e tecnologia uma maneira ágil e funcional de agregar suas informações. A classificação permite, primordialmente, sistematizar informações sobre o desenvolvimento científico e tecnológico, especialmente aquelas concernentes a projetos de pesquisa e recursos humanos. (BRASIL, [201-?]).

Na tabela em questão a Ciência da Informação figura como a área mais abrangente e a Biblioteconomia como uma subárea, junto a áreas como arquivologia e outras. Embora essa tabela tenha, como bem menciona, uma finalidade prática, em

termos sistematização de informações no âmbito dos órgão de ciência e tecnologia, e não tenha pretensões de estabelecer um sistema rebuscado em termos de organização do conhecimento, é inegável a sua importância para a sistematização das áreas, uma vez que as produções científicas estão fortemente ligadas ao ensino superior do país, e assim a sua composição de algum modo prediz a visão estrutural que os órgão de ensino e de pesquisa do país têm, ou tendem a adotar. Mesmo percebendo pontos complicados dessa estruturação, vale apontá-la para corroborar com foco da relação de proximidade nas quais as áreas se inserem.

Nessa perspectiva, fica evidente que Biblioteconomia e Ciência da Informação figuram num cenário onde os problemas e soluções modelares podem fazer parte de um conjunto onde nem sempre será tão fácil assim definir o que pertence somente a essa ou àquela área. Para nos dar mais uma boa mostra disso é interessante observar, na Figura 1, como se estruturam

os Grupos de Trabalho (GTs) da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (Ancib). Tais GTs se constituem enquanto “[...] fórum de debates e reflexões que reúne pesquisadores interessados em temas especializados da Ciência da Informação [...]”. (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 2014).

Vale ressaltar que a Ancib é uma instituição que tem como objetivo:

[...] acompanhar e estimular as atividades de ensino de pós-graduação e de pesquisa em Ciência da Informação no Brasil. Desde sua criação, tem se projetado, no país e fora dele, como uma instância de representação científica e política importante para o debate das questões pertinentes à área de informação. (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 2014).

Figura 1 – Grupos de Trabalho da Ancib



Fonte: Ancib, 2014.

Os GTs da Ancib assim colocam um foco sobre quais aspectos se situam os interesses da área da Ciência da Informação, e nessa perspectiva, retomando as ideias de Khun (2009) quanto à definição de paradigma que perpassa por problemas e soluções modelares em uma determinada área, podemos pensar nos GTs como

estruturantes de paradigmas para a área. A partir das temáticas propostas para discussão nos GTs percebemos a clara aproximação ou quiçá os entrelaçamentos com a Biblioteconomia, visto que pensar em aspectos como organização e representação do conhecimento remonta a própria história da Biblioteconomia em suas empreitadas de classificação; pensar

sobre mediação da informação pode remontar aos fundamentos básicos da Biblioteconomia pontuados por Ranganathan. Pensar em gestão da informação perpassa pela oferta e demanda de produtos e serviços informacionais que estão presentes no cotidiano da Biblioteconomia e das unidades de informação. Certamente as aproximações vão além desses pontos aqui tocados, e as inter-relações entre as duas áreas se faz não apenas nos tópicos dos GTs da Ancib, se dá em outras instituições.

Além da Ancib, a Associação Brasileira de Educação em Ciência da Informação (ABECIN, [200-?]) “que [...] é uma entidade constituída com a finalidade de assegurar o debate sobre a formação de pessoas comprometidas com a manutenção e a ampliação de um corpo profissional atuante nos campos das práticas da Ciência da Informação” em sua página na internet quando apresenta as escolas e cursos de graduação e pós-graduação *stricto sensu* da área, integra tanto os cursos de Biblioteconomia quanto os de Ciência da Informação e ainda outros como arquivologia e gestão da informação, dando sentido de um leque no campo das áreas e das profissões da informação.

Assim o trânsito entre as áreas da Biblioteconomia e da Ciência da Informação, ao menos no Brasil, nos parece ter no meio acadêmico a fonte de integração e na Pós-Graduação a sua força máxima, considerando que grande parte dos docentes e discente dos programas que constituem o corpo acadêmico da Pós-Graduação no Brasil em Ciência da Informação partem de uma formação em Biblioteconomia. Até aqui as relações estabelecidas entre as duas áreas se situaram mais em termos de produção do conhecimento e aspectos teóricos, indo além e partindo para o campo da prática é interessante observar como compõem tais questões paradigmáticas. Isso é o que nos propomos a fazer no tópico que segue.

3 O PARADIGMA EM QUESTÃO: O QUE CONDUZ O TRABALHO EM

UMA BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA?

Para auxiliar no alcance dos objetivos deste estudo realizou-se uma pesquisa de caráter descritivo, cujo procedimento metodológico adotado foi o estudo caso, tal procedimento foi empregado por considerarmos mais adequado, já que de acordo com Prodanov e Freitas (2013, p.62) ele serve ao propósito de:

- explorar situações da vida real cujos limites não estejam claramente definidos;
- descrever a situação do contexto em que está sendo feita determinada investigação;
- explicar as variáveis causais de determinado fenômeno em situações muito complexas que não possibilitem a utilização de levantamentos e experimentos.

Além do estudo de caso, empreendemos ainda pesquisa bibliográfica e documental, a primeira subsidiou as formulações teóricas e o marco conceitual sobre o qual se alicerçam o que aqui consideramos como paradigmas da Biblioteconomia e da Ciência da Informação. A segunda oportunizou maiores possibilidades de compreensão do fenômeno ora tratado a partir do acesso à Documentação da instituição: manual e regimento e ainda relatórios da instituição. Uma vez que o contexto de pesquisa era uma biblioteca universitária

3.1 Caracterização da unidade de informação do estudo

A unidade de informação que serviu de base ao estudo foi uma biblioteca universitária de uma instituição de ensino superior privada do Estado de Santa Catarina. Escolhemos apenas uma de suas unidades para a análise, tendo em vista que embora as demais possam apresentar certas especificidades em função de demandas pontuais e/ou cursos que atenda,

de um modo geral as atividades seguem o mesmo padrão tendo em vista fazerem parte de uma rede.

A referida unidade se situa na grande Florianópolis e conta com um total de 20 funcionários, sendo destes: 5 bibliotecários; 13 auxiliares; e 2 assistentes de bibliotecas. A unidade atende a 25 cursos de graduação, 5 cursos de Pós-Graduação na modalidade *Latu Sensu* e 2 cursos de Pós-Graduação na modalidade *Strictu Sensu*, sendo 1 mestrado e 1 doutorado. O horário de funcionamento é de segunda à sexta das 7:45 às 22:20 e aos sábados das 8:00 às 12:00. Os serviços prestados pela biblioteca são: empréstimo (renovação e reserva de material emprestado); acesso à internet; levantamento bibliográfico; orientação

bibliográfica na normatização de trabalhos acadêmicos; elaboração de ficha catalográfica; cooperação interbibliotecária; comutação bibliográfica; visita orientada; serviço de acessibilidade informacional a usuários com necessidades especiais – digitalização para a leitura por software (acesso exclusivo com senha somente para deficientes visuais).

A biblioteca tem a seguinte política de empréstimos: livros – 12 materiais por 15 dias; multimeios – 3 materiais por 3 dias; obras de referência e periódicos – Apenas empréstimo aos professores para uso em sala, com devolução ao final da atividade. Os números do acervo são mostrados na Tabela 1, a seguir.

Tabela 1 – Números do acervo

Tipo de material	Total de títulos	Total de exemplares
Livros, folhetos, catálogos, anais	26.456	60.501
TCCs de Pós-Graduação	574	582
Periódicos	181	2.902
Obras de referência	508	758
Gravações de som/vídeo	864	1.146
Norma técnica	253	296
CD-Rom	105	145
Mapa	48	51

Fonte: Informação fornecida pela bibliotecária da instituição conforme Sistema de Automação.

Percebemos que o ponto forte do acervo da biblioteca ainda são os livros. Essa característica marcante é facilmente compreendida, dado o contexto acadêmico na qual a unidade se insere, que considera em sua política de formação de acervo o atendimento às exigências que os órgãos normatizadores da educação brasileira postulam em termos de oferta de

bibliografias básica e complementar dos cursos ali ofertados. No entanto, ainda que em número bem menor, outros tipos de materiais também comparecem em número significativo. Vale aqui mencionar que além do acervo acima descrito, a biblioteca ainda assina e disponibiliza o acesso a diversas bases de dados conforme se observa no Quadro 2.

Quadro 2: Bases de dados disponibilizadas pela instituição por área do conhecimento

Área do conhecimento	Bases assinadas
Ciências Biológicas	BioOne; Biotechnology and BioEngineering Abstracts; Biotechnology Research Abstracts; Ecological Society of America (ESA); GreenFILE; High

	Wire Press; Human Genome Abstracts; Industrial and Applied Microbiology Abstracts; Royal Society Journals; Thomson Reuters Integrity.
Ciências da Saúde	Abstracts in Social Gerontology; AgeLine; Applied Social Sciences Index and Abstracts (ASSIA); Association of Clinical Scientists; Bentham Science ; British Medical Journal Publishing Group (BMJ); Chemo reception Abstracts; Endocrine Society ; Genetics Abstracts; Gerontological Society of America (GSA); Jama Network; Karger; Mary Ann Liebert; Massachusetts Medical Society; Medline; Physical Education Index; Published international literature on traumatic stress; Saúde em Português; Scientific Medical ArtImagebase.
Ciências Exatas e da Terra	Advanced Technologies Database with Aerospace; Copper Technical Reference Library; European Mathematical Society; Institute of Physics (IOP); Oceanic Abstracts; Project Euclid; Solid State and Super conductivity Abstracts; SPIE Digital Library; Zentralblatt MATH.
Ciências Sociais Aplicadas	Business Source Complete; Duke University Press; Education Resources Information Center; Family Studies Abstracts; Human Resources Abstracts; Library and Information Science Abstracts (LISA); Materials Business File; National Criminal Justice Reference Service; Public Administration Abstracts; Regional Business News.
Engenharias	Abstracts in New Technology & Engineering (ANTE); Aluminium Industry Abstracts; ASTM; Begell House Digital Library; Ceramic Abstracts; Civil Engineering Abstracts; Copper Technical Reference Library; Corrosion Abstracts; Earthquake Engineering Abstracts; Electronics & Communications Abstracts.
Multidisciplinar	DerwentInnovations Index (DII); JournalCitationReports (JCR); Science Direct; Scopus

Fonte: Informação retirada da página da instituição.

A grande oferta de acesso a informação via base de dados nos evidencia um contexto informacional mediado pela tecnologia. É interessante observarmos que embora a relação com a tecnologia seja fartamente mencionada nos meandros dos paradigmas da Ciência da Informação, a Biblioteconomia sendo ativa em termos de processos de armazenamento, recuperação e utilização da informação por certo se alinha a tais pressupostos.

A influência dos avanços tecnológicos na C.I. pode ser comprovada na medida em que essas mudanças reorganizaram as possibilidades de armazenamento, disseminação e, principalmente, de utilização de diferentes recursos para recuperação da informação, fazendo com que uma das finalidades preconizadas na conceituação preliminar da área – usabilidade e acessibilidade ótimas – seja concretizada. (Russo, 2010, p.55).

A citação acima de Russo reforça a nossa ideia de que paradigmas da Ciência da Informação e da Biblioteconomia se entrecruzam. A Biblioteconomia pode até ser uma área com origens mais conservadoras, mas não há como ela se manter no contexto atual sem que integre às mudanças e perspectivas inovadoras e contextuais. Assim nenhuma biblioteca pode sobreviver mantendo-se inerte às mudanças da sociedade e às necessidades que se interpõem à sua realidade.

3.2 (Re)pensando os paradigmas na prática

Analisando o fazer da unidade de informação escolhida para conduzir este estudo e retomando os paradigmas da Biblioteconomia e da Ciência da Informação, apontados inicialmente no Quadro 1, nós percebemos que as demarcações feitas para cada uma das

áreas na prática não são assim tão evidentemente percebidas.

Pensando ainda nos pontos elencados no Quadro 1, podemos fazer uma breve análise dos paradigmas ali apontados. Assim, percebemos que considerando o primeiro ponto paradigmático e analisando a realidade da biblioteca deste trabalho, não é possível afirmar que o foco dessa unidade de informação seja “a biblioteca”, uma vez que os serviços por ela oferecidos extrapolam suas próprias fronteiras físicas, a prestação de serviços informacionais se faz sobre diversas maneiras, e considerando diferentes necessidades dos interagentes desse espaço, nessa perspectiva, consideramos que o foco estaria mais na informação do que no próprio suporte ou a entidade biblioteca.

Além disso, a biblioteca de referência para este trabalho não apenas possibilita o uso da sua coleção, ela também orienta os interagentes em suas necessidades específicas, quando faz agendamento para realização de treinamentos de bases de dados, orientação de normalização de trabalhos. Colocar a perspectiva apenas sobre o uso da coleção seria um tanto reducionista, dada a oferta de outros serviços que tangenciam um caráter educacional.

Considerando ainda os paradigmas postulados para a Biblioteconomia, há com toda certeza, uma ênfase nas atividades que circundam o controle de atividades como aquisição, organização e tratamento técnico dos documentos, esse é certamente um dos pontos paradigmáticos fortes da Biblioteconomia que é percebido na unidade visitada e que é necessário à sistematização do trabalho, mas não arriscamos a colocá-lo como um mero fazer focado no processo, acreditamos sim que isto faça parte de um todo necessário para que possa haver um fluxo da informação nesse espaço, e assim seu uso, propiciando outrossim a produção do conhecimento.

Destarte, percebemos que a observação das questões práticas sobre as quais se

estruturam o fazer biblioteconômico, ao menos na unidade de informação escolhida para conduzir este trabalho, nos aponta para pontos de enodamento entre Biblioteconomia e Ciência da Informação, mais do que nos possibilita visualizar fronteiras e segmentação de atuação.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observar o fazer de uma biblioteca para observar os alinhamentos paradigmáticos nos propiciou refletir sobre como é conduzido o fazer bibliotecário e quais os pressupostos que estão envolvidos nessa dinâmica.

No caso específico da biblioteca universitária considerada neste trabalho percebemos que se considerarmos as colocações dos autores observadas no Quadro 1, alguns de seus fazeres podem perfeitamente se alinhar com os paradigmas descritos como sendo da Ciência da Informação, a exemplo a orientação para o usuário e sua necessidade de informação, pois os serviços que a biblioteca presta de atendimento aos alunos na orientação de uso de bases de dados são exemplos de foco na necessidade dos alunos. Além disso, o fornecimento de arquivos digitais em áudio de materiais para pessoas com deficiência, se constitui como mais um indício de que o foco é a necessidade de informação como destaque para o seu conteúdo e não o suporte.

Vale ressaltar que os paradigmas elencados como sendo da Biblioteconomia que acabam por situá-la num contexto mais conservador, não encerram as perspectivas paradigmáticas para a área, pois tais perspectivas tendem a se ampliar para dar conta de demandas da contemporaneidade. Além disso, a relação entre Biblioteconomia e Ciência da Informação se situa num contexto onde nem sempre é tão fácil estabelecer limites e fronteiras, já que ocorre certa imersão de uma no campo da outra, pois partilhamos da ideia de que a primeira se situa na epistemologia da

segunda. Sendo assim, a Biblioteconomia estaria imbrincada em grande medida nos paradigmas estruturantes da Ciência da Informação, ainda que a Ciência da Informação figure hoje como uma área mais abrangente.

Nessa perspectiva, mas que evidenciar limites, podemos aproveitar o ensejo para

trazer à tona as possibilidades de verdadeiramente as duas áreas implementarem esforços em função do que parece fazer parte de um princípio partilhado por ambas – o uso da informação e a construção do conhecimento, trabalhar em função dessas perspectivas é o desafio para ambas.

THE PARADIGM IN QUESTION: AGREEMENTS AND DISAGREEMENTS OF THE LIBRARIANSHIP AND INFORMATION SCIENCE IN THE CONTEXT OF A UNIVERSITY LIBRARY

Abstract

Analysis about the agreements and disagreements between the Library and Information Science are part of the space the discussion of these areas of knowledge and open up possibilities to think about its epistemological aspects from that reflection of the paradigmatic points. In this sense, we seek in this paper to draw a parallel between the fundamentals that constitute the paradigms of library and information science from the analysis of their historical and methodological aspects. We seek to further understand the practical implications from a case study that sought to identify whether the activities in a given unit of information align with the paradigms of librarianship or information science. As a conclusion, we note that both the theoretical aspects and the practical aspects of this analysis often find a fine line to delimit boundaries and establish precise paradigms for either area.

Keywords: Paradigms. Librarianship. Information Science. University Library.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. **ABECIN**. [200-?].

Disponível em:

<<http://www.abecin.org.br/>>. Acesso em: 9 out. 2015.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO.

Apresentação. 2014. Disponível em:

<<http://www.ancib.org.br/index.php/apresentacao>>. Acesso em: 22 set. 2015.

BORKO, H. **Ciência da Informação: o que é isso?**. 1968. Disponível em:

<http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/90644/mod_resource/content/1/BORKO_Information%20science%20what%20is%20it%20.pdf>. Acesso em: 10 set. 2015.

BRASIL. Portal Brasileiro de Dados Abertos . **Tabela de áreas de**

conhecimento do ensino superior. [201-?]. Disponível em:

<http://dados.gov.br/pt_BR/dataset/tabela-de-areas-de-conhecimento-do-ensino-superior>. Acesso em 07 out. 2015.

- CAPURRO, R. **Epistemologia e Ciência da Informação**. 2003. Disponível em: <http://www.capurro.de/enancib_p.htm>. Acesso em: 16 set. 2015
- KUHN, Thomas. S. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- LE COADIC, Yves François. **A Ciência da Informação**. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.
- PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2.ed. Novo Hamburgo: FEEVALE, 2013.
- RANGANATHAN, S. R. **As cinco leis da Biblioteconomia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2009.
- RUSSO, Mariza. A Biblioteconomia e a Ciência da Informação: paradigmas e interdisciplinaridade. In: _____. **Fundamentos de Biblioteconomia e Ciência da Informação**. Rio de Janeiro: E-papers, 2010. p. 43-57. Disponível em: <<https://www.passeidireto.com/arquivo/4283541/fundamentos-da-Biblioteconomia-e-ciencia-da-informacao---mariza-russo>>. Acesso em: 16 ago. 2015.
- SARACEVIC, T. Ciência da Informação: origem, evolução e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, 1996. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/235>>. Acesso em: 22 set. 2015.
- SOUZA, Sebastião de. Fundamentos filosóficos da Biblioteconomia. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v.14, n.2, jul./dez. 1986, p.189-19. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000008281&dd1=2513f>>. Acesso em 14 set. 2015.
- TARGINO, M. das G. A interdisciplinaridade da Ciência da Informação como área de pesquisa. In: _____. **Olhares e fragmentos: cotidiano da Biblioteconomia e da Ciência da Informação**. Teresina: Ed. da UFPI, 2006.